

O leitor como codeterminador da notícia: como os jornais alteram sua produção a partir da interação com os leitores¹

Laura Moura de QUADROS²

Luan Moraes ROMERO³

Cibele Cristine ZARDO⁴

Gabriele Wagner de SOUZA⁵

Viviane BORELLI⁶

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar de que forma os leitores codeterminam os sentidos de notícias produzidas por sete jornais do interior do Rio Grande do Sul – Diário de Santa Maria e A Razão (Santa Maria), Diário Popular (Pelotas), O Nacional (Passo Fundo), A Plateia (Santana do Livramento), Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul) e Pioneiro (Caxias do Sul) – no âmbito da produção. A fim de entender como os jornais transformam a participação dos leitores em insumos produtivos, discute-se os conceitos de circulação, enunciação e fluxos. Faz-se uma análise semiológica a partir de dados coletados entre maio e junho de 2014. Notou-se que, a partir da discussão de temas entre leitores no Facebook, os jornais transformam assuntos por eles comentados e compartilhados principalmente em enquetes, mas também constroem pautas que visam dar continuidade a temáticas já abordadas.

Palavras-chave: Jornal; Leitor; Redes Sociais; Circulação; Interação.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte da problemática desenvolvida no projeto de pesquisa “Produção e circulação da notícia: as interações entre jornais e leitores”⁷ e resulta especificamente da fase que pretende mapear e compreender de que forma as notícias produzidas por sete jornais do interior do Rio Grande do Sul são codeterminadas pelos leitores. A análise repousa sobre os jornais Diário de Santa Maria e A Razão (Santa Maria), Pioneiro (Caxias do Sul), A Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul), Diário Popular (Pelotas), A Plateia (Santana do Livramento) e O Nacional (Passo Fundo).

Essa reflexão integra uma problemática maior em que se busca entender como esses jornais de circulação regional lidam com questões que afetam o jornalismo hoje: a cultura da

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 1 - Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Email: mouqua@gmail.com.

³ Estudante do 2º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Email: luan_155@gmail.com.

⁴ Estudante do 4º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Email: gabiwagners@gmail.com.

⁵ Estudante do 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Email: c.c.zardo@gmail.com.

⁶ Orientadora e Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, RS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: borelliviviane@gmail.com.

⁷ A pesquisa é realizada com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio da Chamada 43/2013 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, com coordenação de Viviane Borelli.

convergência, a migração de leitores para outras mídias, os modos através dos quais jornais e leitores interagem e mantêm contato e a perda de autonomia do jornalismo para enunciar a “realidade”.

A pesquisa abrange diferentes fases em que é observado como ocorre a interação entre leitores e jornais, a circulação de sentidos e, ainda, como os jornais lidam com as sugestões de pauta e comentários de leitores nas redes sociais. Esse último aspecto ainda não foi analisado, o que deverá ser feito no início do próximo ano por meio de entrevistas com editores e repórteres. Compreende-se que esta “escuta” dos jornalistas, a ser feita na sequência, será uma etapa importante para a pesquisa e também complementar à análise feita neste momento.

O objetivo dessa fase específica é investigar se e como os leitores codeterminam as notícias produzidas pelos jornais gaúchos no âmbito da produção. Em decorrência disso, questiona-se como os jornais transformam a participação dos leitores em matéria produtiva: se transformam em notícia e em que tipo de notícia.

Várias pesquisas abordam a reconfiguração do campo jornalístico a partir de conceitos como o de “jornalismo líquido”, que para Anelise Rublescki não significa o fim do jornalismo, mas um “cenário instável, em aberto, permeado por um contínuo de mudanças que aparentemente desencadeiam um processo de alargamento das fronteiras do campo, cujo ponto de equilíbrio é uma questão que permanece em aberto” (RUBLECKI, 2013, p. 112).

O viés aqui abordado é de que o jornalismo é uma prática social em mutação devido ao processo de midiaticização da sociedade, ainda em curso, mas que sinaliza para transformações e reconfigurações dos receptores, convertidos também em produtores. Para Fausto Neto (2008), no contexto da sociedade em processo de midiaticização, as mídias não são mais compreendidas como mediadoras apenas entre os campos sociais, pois são convertidas em uma realidade mais complexa, numa nova ambiência em que as interações sociais são “atravessadas por novas modalidades do <<trabalho de sentido>>” (FAUSTO NETO, 2008, p. 92, grifo do autor).

A relação dos leitores com os jornais no site de rede social Facebook ou nos portais, suas críticas, elogios e sugestões foram analisados como forma de avaliar como a fala desses sujeitos serve como subsídio para a elaboração de novas pautas e como se reflete na organização da produção diária dos jornais. Para isso, foram coletadas notícias publicadas pelos jornais de 12 de maio a 12 de junho de 2014, bem como comentários e compartilhamentos realizados pelos leitores.

A seguir, discutem-se os conceitos de circulação, enunciação e fluxos. Depois, reflete-se como os processos de enunciação fazem parte da prática jornalística e, contudo, não ficam

restritos apenas aos jornalistas, editores e organizações jornalísticas, pois considera-se que os leitores também se tornam coenunciadores. Por fim, faz-se uma análise de casos coletados a partir da observação dos jornais, de como os leitores constituem diferentes fluxos e influenciam, de certa forma, as decisões tomadas pelos veículos de comunicação.

2. Circulação, enunciação e fluxos na sociedade em processo de midiatização

A midiatização das sociedades ocorre a partir do século XX, e não pode ser simplesmente traduzida como fenômenos de homogeneização e uniformização das relações e práticas sociais, uma vez que a interface produção/reconhecimento é, precisamente, o vínculo de engendramento de uma crescente complexidade das sociedades.

Segundo Verón e Boutaud (2007), uma preocupação central dos estudos de recepção é a grande heterogeneidade de matérias discursivas tanto na produção como na recepção. A defasagem produção/reconhecimento se transforma na interface onde o sistema dos meios de comunicação, que funciona como um ambiente de atores, coloca sua própria complexidade à disposição desses últimos; reciprocamente, o sistema de atores, que funciona como um ambiente dos meios, coloca sua complexidade à disposição do sistema dos meios de comunicação. Nesse sentido, leitores e jornais estão em constante relação e, cada vez mais, com o processo de circulação, torna-se importante compreender como o jornalismo transforma aquilo que é produzido por seus leitores em “insumos” para o seu fazer cotidiano.

Para Verón (2004), a circulação consiste em um elo intermediário do sistema produtivo de discursos. Na análise dos discursos, a circulação só se materializa sob a forma da diferença entre a produção e os efeitos dos discursos. Para o autor, não há traços que explicitem a circulação, pois ela se define como a “defasagem, num dado momento, entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção” (VERÓN, 2004, p. 53). As condições da circulação também são extremamente variáveis, dependendo do tipo de suporte material-tecnológico do discurso e a dimensão temporal levada em consideração.

Já para Fausto Neto (2009), a circulação deixa de ser um aspecto “invisível” no processo de comunicação para ser instituída como um dispositivo com claros níveis de evidência que organiza novas possibilidades de interação entre mídias e receptores. Para o autor, o conceito de circulação passa a ser percebido a partir da problematização do intervalo do ato discursivo de um sujeito a outro, da produção até a recepção. Esta zona indeterminada se cria, para ele, a partir da existência e manifestação de um terceiro elemento, um dispositivo, como um espaço gerador de potencialidade.

Nesse sentido, Fausto Neto (2009) compreende que com o contato dos discursos, suas intenções originais perdem força, uma vez que estão sob dinâmicas que impedem que a produção e a recepção controlem suas intenções. Os efeitos presumidos não se estabelecem necessariamente sobre outros discursos, pois a linearidade dá lugar à heterogeneidade e, no lugar de regras, surgem estratégias que apontam mais para diferenças do que para convergências.

Nesse contexto, com o avanço das transformações sociotécnicas engendradas pelo processo de midiaticização e sua influência sobre a organização social, o autor explica que é possível perceber que a circulação sai de uma região invisível para se tornar “dispositivos sócio-técnicos-discursivos que vão reformular imensamente os processos de interação, especialmente o lugar e o próprio conceito de recepção” (FAUSTO NETO, 2009, p. 8). Assim, a circulação deixa de ser uma problemática de intervalos entre determinados elementos para se constituir em um dispositivo central para se compreender as relações entre produção e recepção.

A partir do conceito de circulação, é interessante frisar que boa parte das análises foca-se ou no ponto de vista da produção ou da recepção. Contudo, Braga (2012, p. 38) aponta que “com a percepção de que os receptores são ativos, a circulação passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação”. Assim, perceber como os leitores estão mudando as lógicas de produção de notícia nas redações jornalísticas através desse espaço, que se amplia com a convergência midiática e com a sociedade em vias de midiaticização, abre novas possibilidades para o entendimento de como o jornalismo está se constituindo hoje.

Ainda para Braga (2012), esse processo de circulação se dá em fluxos contínuos que formam circuitos complexos, uma vez que atravessam diversos ambientes, em que várias articulações são possíveis. Além disso, uma preocupação com os receptores faz com que a produção já preveja e pense na reação desse leitor, em um fluxo contínuo e adiante (BRAGA, 2012, p. 40). Já o contra-fluxo, para o autor, se caracteriza pelo que é produzido pelos receptores a partir do que é feito pelo jornal, podendo ser tanto uma resposta direta quanto a interação receptor-receptor.

Assim, o jornal produz informações para seu site ou portal e, na maior parte dos casos analisados, esse conteúdo é disponibilizado em outros circuitos, criados por eles nas redes sociais digitais, como Facebook, Instagram ou Twitter. Dessa forma, os comentários e compartilhamentos dos leitores, no Facebook, constituem também o que Braga (2012) conceitua como contra-fluxos.

3. Processo de enunciação, prática jornalística e observação

A teoria da enunciação é responsável por instaurar um pensamento diferenciado acerca da linguagem. Ao propor um nível de significado que engloba referências aos interlocutores, Émile Benveniste apresenta um modelo de análise em que os interlocutores referem e correferem atribuindo sentidos às palavras. Para Flores e Teixeira (2005), a teoria da enunciação de Benveniste não fala do sujeito em si, mas da representação linguística que a enunciação oferece dele.

Nesse sentido, o processo de enunciação não é restrito aos jornalistas, editores ou organizações jornalísticas, pois os leitores também são coenunciadores no momento em que uma notícia decorre de uma pauta pensada para determinados receptores, bem como no momento em que ocorrem contra-fluxos.

Cada vez que o locutor se apropria do aparelho formal da enunciação – e por ele se apropria de toda a língua – produz um uso novo e irrepetível. Este uso exclusivo se deve ao fato de que as categorias fundamentais em enunciação, tempo, espaço e pessoa, jamais poderão ser continuadas no uso da língua. É preciso destacar que, antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade; depois, a língua é efetuada em uma instância de discurso. Dessa maneira, é por meio de processos contínuos de enunciações que jornais e leitores estão em interação.

O controle sobre a produção das notícias (BRUNS, 2011) que os jornalistas e editores mantinham outrora por meio de interesses e reações presumidas por eles da recepção, hoje não existe mais. A produção jornalística agora é dividida com os leitores, que filtram o conteúdo das notícias e cobram dos jornais distintas ações.

Inspirados nos conceitos de contrato de leitura e de dispositivo de enunciação de Eliseo Verón (2004), foi possível perceber como os jornais constroem um vínculo com seus leitores, além do papel que eles desempenham no processo de circulação das notícias. Para o autor, são as modalidades do dizer que dão forma ao dispositivo de enunciação que “comporta a imagem de quem fala, o enunciador; a imagem daquele a quem o discurso é endereçado, o destinatário, e a relação entre ambos que é proposta pelo discurso” (VERÓN, 2004 p.217).

O conceito de dispositivo de enunciação está atrelado ao de contrato de leitura, uma vez que, para Verón (2004, p. 236), “implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor”. Assim, tem-se como exemplos os caminhos realizados pelos leitores nos portais e no Facebook dos jornais, onde

ocorrem conexões entre esses espaços. À medida que os jornais convidam o leitor a segui-lo em suas diversas modalidades, criam-se vínculos formados pelos modos de dizer dos jornais.

Segundo Verón (2004, p. 234), “o contrato se cumpre, mais ou menos bem, no leitor: no reconhecimento”, portanto, as notícias e os conteúdos ofertados pelos dispositivos, em circulação no ciberespaço, geram reflexos nas apropriações e recepção dos usuários. Desse modo, na coleta de comentários dos leitores no Facebook foi possível notar como eles são capazes de codeterminar a produção jornalística.

Para compreender como esses vínculos entre produção e recepção são construídos, analisou-se as críticas, as sugestões e as análises dos leitores com relação aos jornais na rede social, nos sites e portais para poder avaliar se os discursos dos leitores servem de subsídios na elaboração de novas pautas no meio jornalístico. “No reconhecimento lida-se com dois conjuntos discursivo: um corpus que eu analiso em suas propriedades e um conjunto constituído pelos discursos dos receptores” (VERÓN, 2004 p. 237).

Durante um mês, de 12 de maio a 12 de junho de 2014, foram realizadas observações diárias nos portais, sites e no Facebook dos jornais, coletando os comentários dos leitores. As observações foram realizadas por meio de protocolos de pesquisa, uma espécie de roteiro que serviu para orientar a observação, seguindo-se recomendação de Antonio Carlos Gil (1989, p.109): “o pesquisador, antes da coleta de dados elabora um plano específico para a organização e o registro das informações. Isto implica estabelecer, antecipadamente, as categorias necessárias à análise da situação”.

Opta-se por apresentar alguns casos observados separadamente em cada jornal para depois fazer comparações, análises e reflexões mais amplas nas Considerações Finais.

4. Notícias e codeterminações dos leitores

Como já foi referido, a análise repousa sobre os jornais Diário de Santa Maria e A Razão (Santa Maria), Pioneiro (Caxias do Sul), A Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul), Diário Popular (Pelotas), A Plateia (Santana do Livramento) e O Nacional (Passo Fundo). Pretende-se mostrar alguns exemplos que remetam ao fato de que os jornais levam em consideração no processo produtivo o que os leitores comentam, compartilham e curtem, transformando em notícia.

4.1 PIONEIRO

Na primeira semana de análise, o jornal Pioneiro (Caxias do Sul) recebeu críticas constantes com relação à escolha de pautas consideradas de menor relevância. Com a

visualização de tais comentários negativos, o jornal passou a selecionar com maior cuidado as pautas a serem noticiadas e, por isso, não obteve críticas nas semanas seguintes. Nesse sentido, verifica-se um contra-fluxo (BRAGA, 2012), na medida em que o jornal se utiliza das ações dos leitores para mudar sua própria atuação. Abaixo exemplo de crítica sobre pauta.



Figura 1: Notícia publicada na *fanpage* do Pioneiro; Figura 2: Comentário crítico de leitor
Fonte: <https://www.facebook.com/pioneiro>

Notou-se que temas de maior interesse e utilidade pública ocuparam a maior parte dos espaços do jornal, ao passo que não foram registrados comentários negativos mencionando o nome do veículo. Nesse sentido, avaliou-se que “Por meio das escolhas constrói-se o contrato de leitura: apresenta-se um enunciador que propõe um lugar a um destinatário” (VERÓN 2004 p. 233). É por meio de escolhas que os jornais instituem o seu contrato de leitura, que visa estreitar e ampliar o vínculo com seus leitores.

Por outro lado, é possível identificar como os leitores influenciam o jornal não só através de críticas e comentários negativos, como ainda, por meio de elogios (imagens abaixo). Na última semana de maio, a notícia mais “curtida” foi sobre a baixa temperatura, e os leitores elogiaram a foto da publicação, ao passo que o jornal optou em colocá-la como imagem de capa do Facebook. Dessa forma, pode-se afirmar que a maneira como o Pioneiro passa a agir e o que ele oferece a partir dos comentários dos leitores são considerados contra-fluxos.



Figura 3: Pioneiro utiliza uma foto bastante elogiada como imagem de capa
Fonte: <https://www.facebook.com/pioneiro>

4.2 A GAZETA DO SUL

No Jornal A Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul) notou-se que os comentários, compartilhamentos e a repercussão das notícias no Facebook por parte dos leitores foram utilizados pelo veículo na transformação de futuras pautas e na criação de novos dispositivos de interação. Ao longo do período de análise, observou-se que as matérias mais curtidas e comentadas na página do Facebook da Gazeta do Sul eram sobre acidentes de automóveis e mortes no trânsito. Logo, a partir da interação dos leitores, o jornal elaborou uma enquete com a seguinte pergunta: “Para você, quais são os maiores motivadores de mortes no trânsito?”.

Percebeu-se a apropriação dos comentários, das curtidas e dos compartilhamentos pelo jornal como sendo fluxos adiante (BRAGA, 2012), pois se promoveu a continuidade de um mesmo assunto abordado em um novo dispositivo, no caso analisado, a enquete. Abaixo, imagem da enquete e das notícias mais comentadas e “curtidas”.



Figura 4: Enquete realizada pelo jornal A Gazeta do Sul; Figura 5: Uma das publicações mais “curtidas” na *fanpage*
 Fonte: <https://www.facebook.com/portalgaz>

4.3 A RAZÃO

No jornal A Razão (Santa Maria), observou-se também por parte dos leitores algumas codeterminações na produção de matérias, especialmente a partir de comentários e respostas nas enquetes a partir de pautas que o jornal produz. No período analisado, notou-se que as notícias que o jornal produzia sobre a administração pública estadual e municipal, a abertura de uma estrada, iluminação pública, projetos de responsabilidade da prefeitura, geravam comentários – com opiniões pessoais e sem críticas ao jornal. Assim, o veículo deu continuidade a matérias com esses temas, e até republicou notícias dessa natureza (apesar de se basear no princípio da atualidade, o jornal utilizou expressões e informações que ocorreram no passado) com o título de “Você leu na semana passada”.

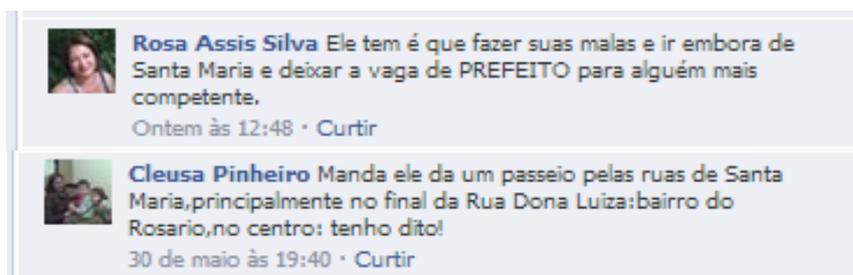


Figura 6: Opiniões de leitores nas publicações do jornal
 Fonte: <https://www.facebook.com/jornalarazao>

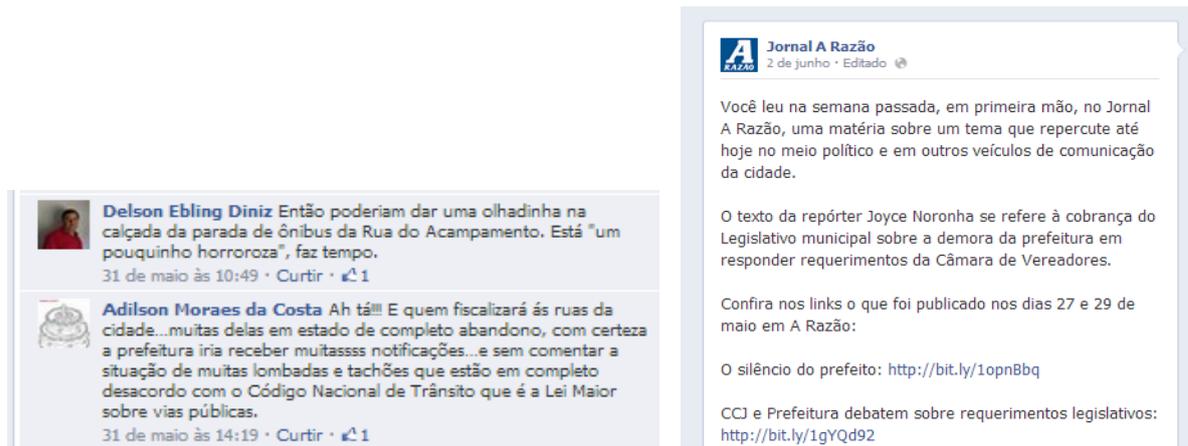


Figura 7: Opiniões de leitores nas publicações do jornal; Figura 8: A Razão resgata notícias anteriores
Fonte: <https://www.facebook.com/jornalarazao>

Outra forma observada de codeterminação da notícia pelo leitor foi a escolha da enquete, que serve também como mecanismo de interação e está presente em diferentes dispositivos (no jornal impresso, no site e com referência no Facebook). Dessa forma, algumas enquetes perguntavam o que o leitor pensava sobre a iluminação pública, a coleta seletiva de lixo, entre outros temas ligados a comentários anteriores de leitores. Assim, nota-se que essas operações determinam a circulação de sentidos por meio de fluxos e contrafluxos (BRAGA, 2012) e que o jornal faz uso de insumos que vêm dos leitores para transformar esses temas em notícia.

4.4 O NACIONAL

Um caso interessante observado no jornal O Nacional (Passo Fundo) ocorreu no dia 20 de maio, quando o jornal publicou em sua *fanpage* no Facebook fotos de uma coletiva de imprensa que tratava sobre a construção de ciclovias na cidade de Passo Fundo. A publicação gerou vários comentários dos leitores, que pediam informações sobre o projeto. No dia seguinte, a capa do veículo estampava a notícia completa do tema que recebeu o maior número de comentários e compartilhamentos no dia anterior. Isso ilustra uma das formas de como o jornal está atento às interações que os leitores produzem via redes sociais digitais e de como os leitores podem colaborar na decisão do que tematizar na versão impressa.



Figura 9: Capa de O Nacional destaca a notícia mais comentada no Facebook
Fonte: <https://www.facebook.com/JornalONacional>

4.5 DIÁRIO POPULAR

No Diário Popular (Pelotas), as notícias policiais são as que mais geraram comentários. Nesse sentido, mesmo que elas não tenham atingido picos de curtidas, comentários ou compartilhamentos, elas conseguiram destaque, pois foram as que constantemente tiveram comentários dos leitores. No dia 22 de maio, por exemplo, um leitor comentou na *fanpage*: “Com essas duas o número de mortes violentas na cidade se elevou para quanto? Seria interessante o Diário Popular [menciona o perfil do jornal] atualizar esse dado a cada notícia popular”. Esse comentário parece ter repercutido dentro da redação, pois essa contagem passou a ser enunciada nas matérias, a partir do dia seguinte.

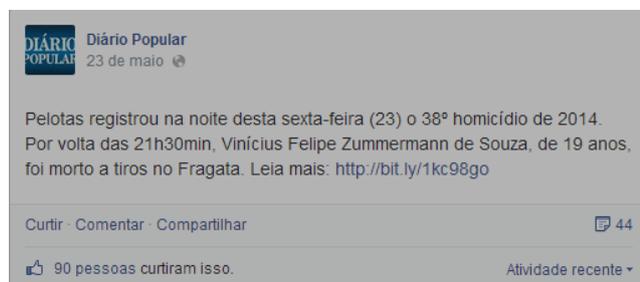


Figura 10: Diário Popular divulga número de homicídios na cidade a partir de sugestão de leitor
Fonte: <https://www.facebook.com/diariopopularRS>

Percebeu-se que o jornal usou esses comentários para investir em matérias que falavam sobre a segurança ou a criminalidade em Pelotas. Outro caso em que se pode notar a influência do ambiente digital no impresso, é com relação à Marcha da Maconha realizada no dia 17 de maio. A matéria teve 280 curtidas e 104 compartilhamentos, sendo também uma das mais comentadas na *fanpage* durante aquele fim de semana. Na segunda-feira, dia 19 de maio, a Marcha da Maconha foi destaque da capa da edição impressa do jornal, com foto.



Figura 11: Capa do jornal destaca uma das notícias mais curtidas na *fanpage*
 Fonte: <https://www.facebook.com/diariopopularRS>

O jornal também pareceu se pautar pelo que era comentado nas redes sociais digitais, mesmo que não através unicamente do seu perfil no Facebook. Uma matéria sobre crimes relacionados à homofobia remeteu ao caso de um rapaz que, depois de sofrer com isso, fez um relato em seu perfil pessoal no Facebook. Esse movimento do jornal – que utiliza temas abordados nas redes sociais para transformar em pautas – aponta para fluxos contínuos e adiante, como conceitua Braga (2012).

4.6 DIÁRIO DE SANTA MARIA

Notou-se que os leitores do Diário de Santa Maria (Santa Maria) codeterminaram a publicação de mais matérias, para além das já produzidas, quando a Universidade Federal de Santa Maria tomou a decisão de extinguir o vestibular como forma de ingresso na instituição. Depois da quantidade expressiva de comentários, curtidas e compartilhamentos nas postagens que se referiam ao assunto, o jornal lançou um mural no portal que teve um link para o

Facebook. O mural é introduzido com “Qual sua opinião sobre a extinção do vestibular da UFSM?”. O veículo publicou no Facebook, então, uma enquete que pedia a opinião das pessoas sobre a decisão da UFSM. A pergunta era: “A UFSM acertou em acabar com o vestibular?”. Em decisões polêmicas, ou depois da repercussão de certos assuntos nas redes sociais digitais, o Diário de Santa Maria colocou uma enquete no portal, que também foi publicada na *fanpage*, para que os leitores deixassem sua opinião. No dia seguinte, a capa do jornal deu destaque a esse assunto em sua edição impressa. A busca por essa interação com seus leitores por meio dos ambientes digitais e impresso demonstra que o jornal é pautado por operações que vêm da atuação da recepção.

Outro exemplo ocorreu no dia 28 de maio, após uma postagem sobre o desaparecimento de um cão que ganhou repercussão entre os leitores da *fanpage* do Diário de Santa Maria. A capa do dia seguinte trouxe como destaque a chamada “O que fazer se achar um desses na rua”, com a cartola “Convite à adoção”. A produção dessa matéria denota uma preocupação do jornal em tematizar assuntos que são comentados e compartilhados nas redes sociais.

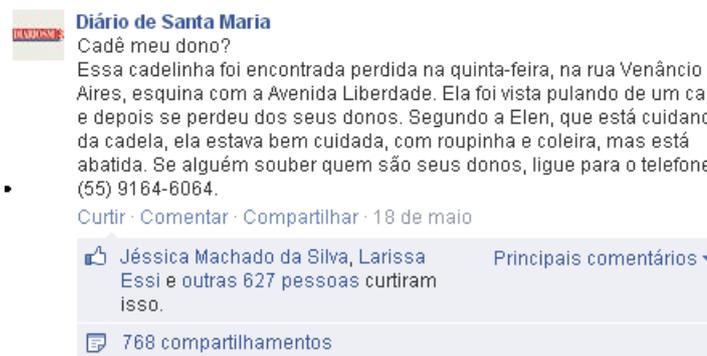


Figura 12: Diário de Santa Maria publica nota sobre desaparecimento de cão
Fonte: <https://www.facebook.com/diariodesantamaria>

4.7 A PLATEIA

O jornal A Plateia (Santana do Livramento) publicou em sua página do Facebook, no dia 21 de maio, uma única enquete durante o período analisado. Perguntava ao leitor se ele já havia sofrido algum tipo de preconceito e o convidava a participar de uma campanha para a reportagem especial do final de semana. Pode-se perceber, na imagem, a participação de leitores e críticas em relação à intenção da enquete. Já no dia 24 de maio, o veículo compartilhou em sua *fanpage* o link para uma matéria especial produzida com base na enquete. O título “O preconceito contado pelos santanenses” evidencia o caminho percorrido pelo jornal para compor a matéria: a experiência do leitor.



Figura 13: A Plateia convida leitor a participar de reportagem especial; Figura 14: O jornal publica na *fanpage* matéria relacionada à enquete apresentada aos leitores

Fonte: <https://www.facebook.com/japlateia>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos inicialmente propostos na elaboração deste artigo, percebe-se que os leitores dos jornais observados possuem um papel importante na determinação das notícias produzidas pelos veículos. Essa codeterminação da produção jornalística é feita através da participação dos leitores nas publicações que os jornais fazem nas redes sociais digitais – especialmente no Facebook.

Uma das principais estratégias dos jornais para transformar temas comentados por leitores, suas opiniões e interações em insumo produtivo é a enquete. Como anteriormente descrito, tal recurso se mostra um meio preponderante de participação e interação dos leitores com o jornal. Todos os jornais analisados utilizam enquetes, mas de distintas formas. Ainda assim, foi possível identificar os casos em que a interação dos leitores foi transformada em produção jornalística.

Nos jornais A Plateia e A Razão foram identificados poucos exemplos de como o leitor codetermina a produção do jornal, uma vez que o número de interações nas redes sociais é menor se comparado aos demais jornais. Além disso, nas poucas participações que há, pouco do que é comentado se transforma em temas a serem abordados pelos jornais. O Nacional e o Diário Popular demonstram alguns movimentos de interação com o leitor que ainda parecem experimentais e que não são tão frequentes. Já na Gazeta do Sul, no Diário de Santa Maria e no Pioneiro, por sua vez, foi possível observar interações mais recorrentes e

também movimentos de codeterminação mais consistentes. Como os dois últimos pertencem à mesma organização jornalística, notou-se que eles utilizam estratégias semelhantes.

A análise aqui descrita constitui uma das fases de uma problemática maior, que pretende entender os aspectos da circulação e da produção de notícias e como ocorrem as interações entre jornais e leitores. Posteriormente, serão realizadas entrevistas com editores e repórteres dos jornais estudados, o que deverá complementar os dados coletados e analisados neste artigo.

Por fim, observou-se que os jornais encontram-se em distintos estágios no que se refere à interação com seus leitores. Além disso, ainda estão em fase de experimentação e de descoberta em relação ao que pode ser feito, em termos de produção jornalística, com aquilo que é suscitado por seus leitores.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BOUTAUD, Jean-Jacques e VERÓN, Eliseo. Del sujeto a los actores. La semiótica abierta lãs interfaces. In: **Sémiotique ouverte**. Itinéraires sémiotiques en communication. Paris: Lavoisier, Hermes Science, 2007. Texto avulso.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: Janotti Junior, Jeder; Mattos, Maria Ângela; Jacks, Nilda (Org.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

BRUNS, Axel. *Gatekeeping, gatwatching*, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo. **Braslian Journalism Research**, vol. 7, num. 11. Brasília: SBPJor, 2011.

FAUSTO NETO, Antonio. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “GT Recepção, Usos o Consumo Midiáticos”, do XVIII Encontro da Compós. **Anais...** PUC-MG, Belo Horizonte, MG, 2009.

_____. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Revista Matrizes**. São Paulo: ECA/USP, ano 1, nº 1, 2008, pp. 89-105. Disponível em: http://www.usp.br/matrizes/img/02/Dossie5_fau.pdf. Acesso em: 11/06/2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

GIL. Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1989.

RUBLESKKI, Anelise. A crise de identidade do Jornalismo na nova ecologia midiática. IN: RUBBLESKKI, Anelise; BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha (Orgs). **Ecologia da Mídia**. Santa Maria: Facos, 2013. p. 129-155.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.